

PQ9697
.F387
A7
1929

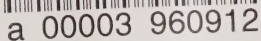
ALTAR

THE LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF
NORTH CAROLINA
AT CHAPEL HILL



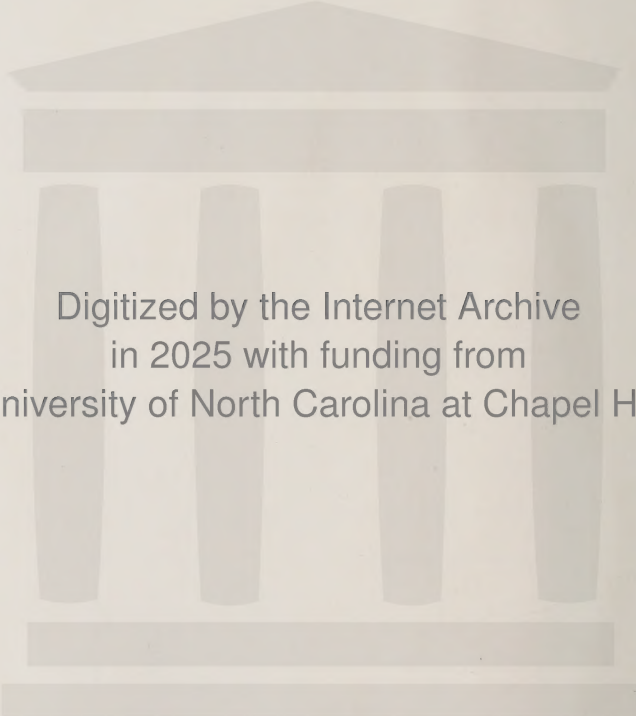
ENDOWED BY THE
DIALECTIC AND PHILANTHROPIC
SOCIETIES

PQ9697
.F387
A7
1929



This book is due at the WALTER R. DAVIS LIBRARY on the last date stamped under "Date Due." If not on hold it may be renewed by bringing it to the library.

[illegible]



Digitized by the Internet Archive
in 2025 with funding from
University of North Carolina at Chapel Hill

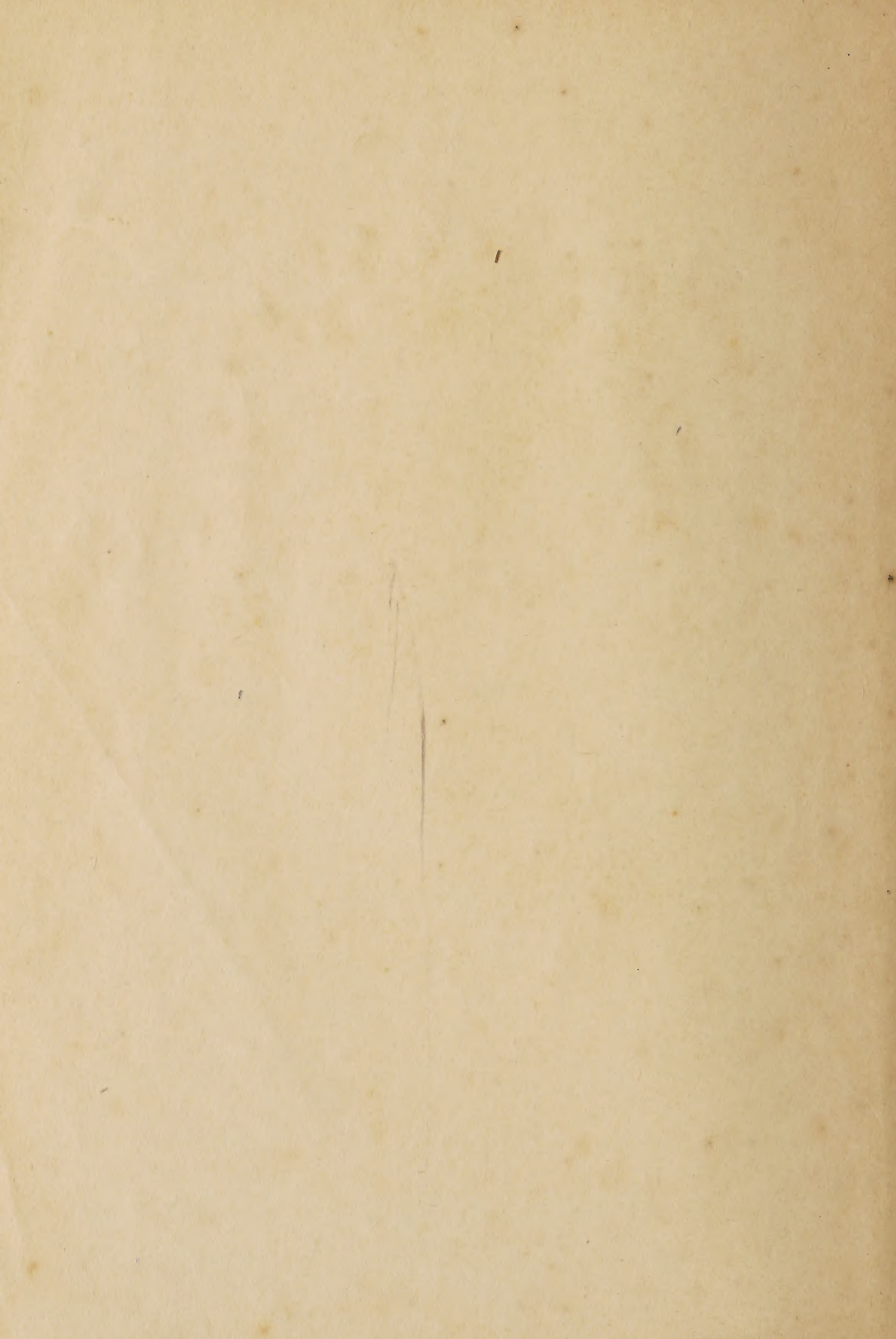
<https://archive.org/details/altar00ferr>

ALTAR



escreveu,
≡ J.T.

FERREIRA DE MELLO
≡ 1929



J. T. Ferreira de Mello

C
MVF

PQ 9697
F387
A7
1929

ALTAR



1929 — 1930

IMP. OFF. — PARAHYBA

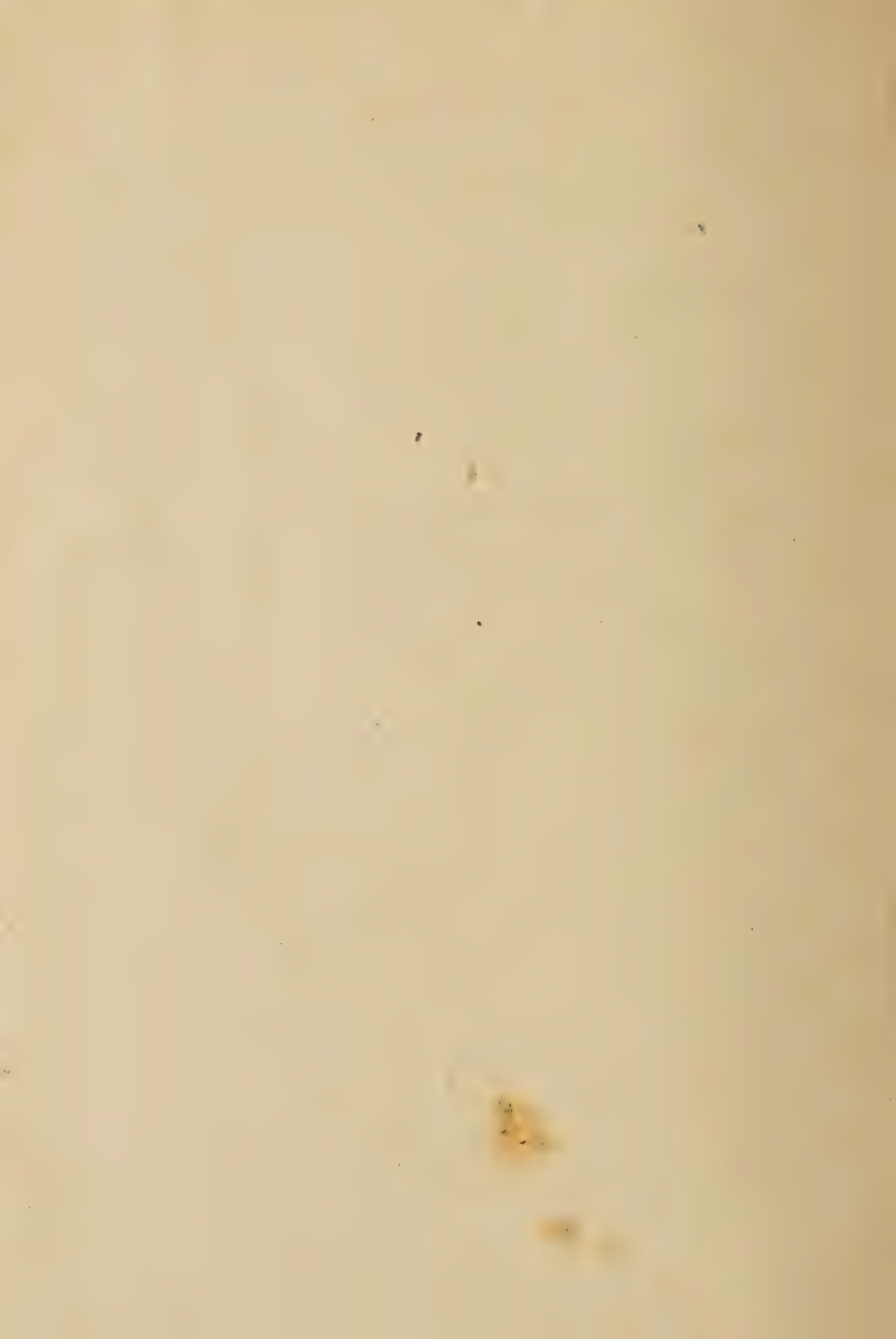
EX-LIBRIS

Pela Natureza

— o meu extase !

Pela humanidade

— o meu amôr !



PELA NATUREZA
E O MEU EXTASE



EX-LIBRIS=

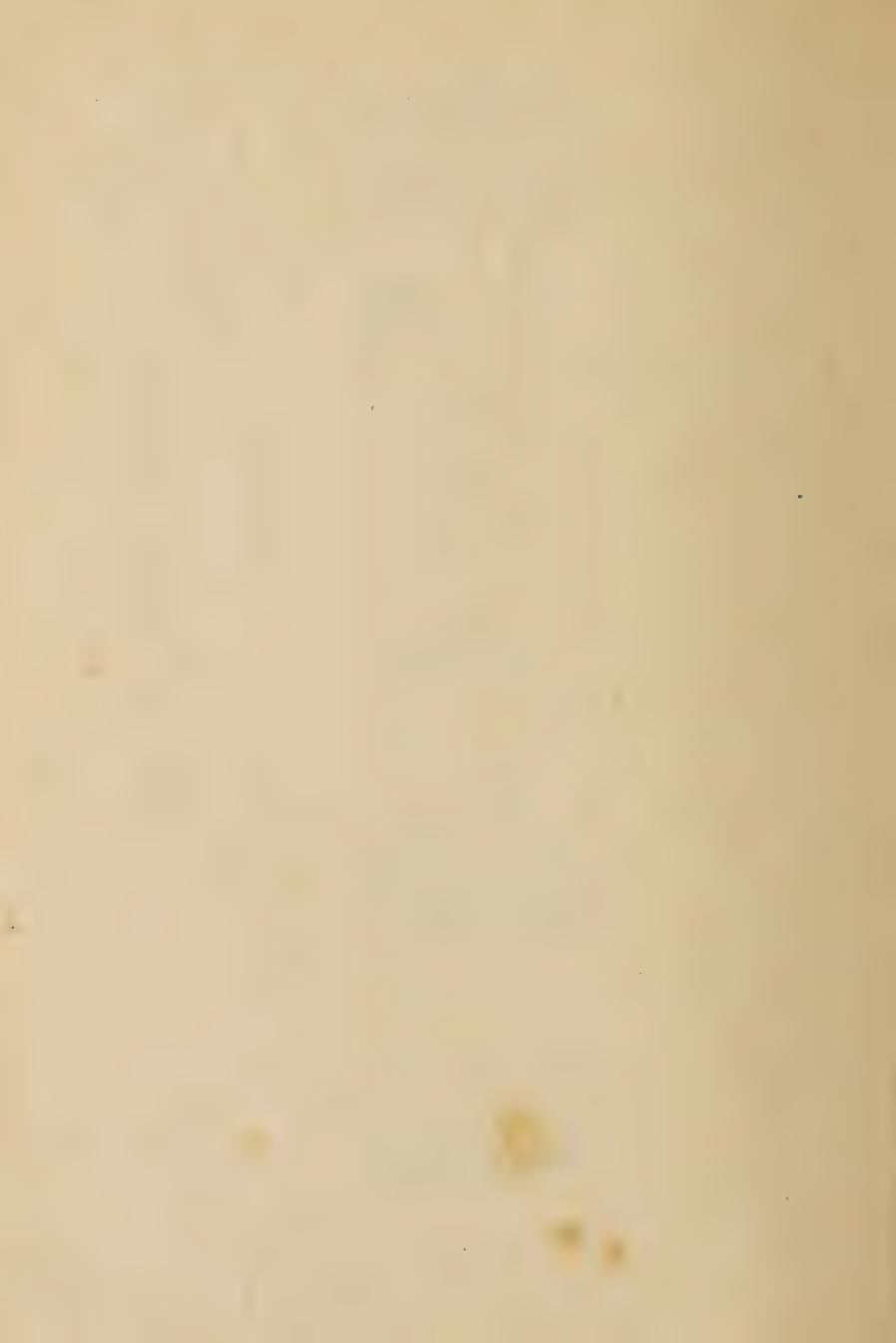
DE=

J.T.

FERREIRA=

DE

MELLO



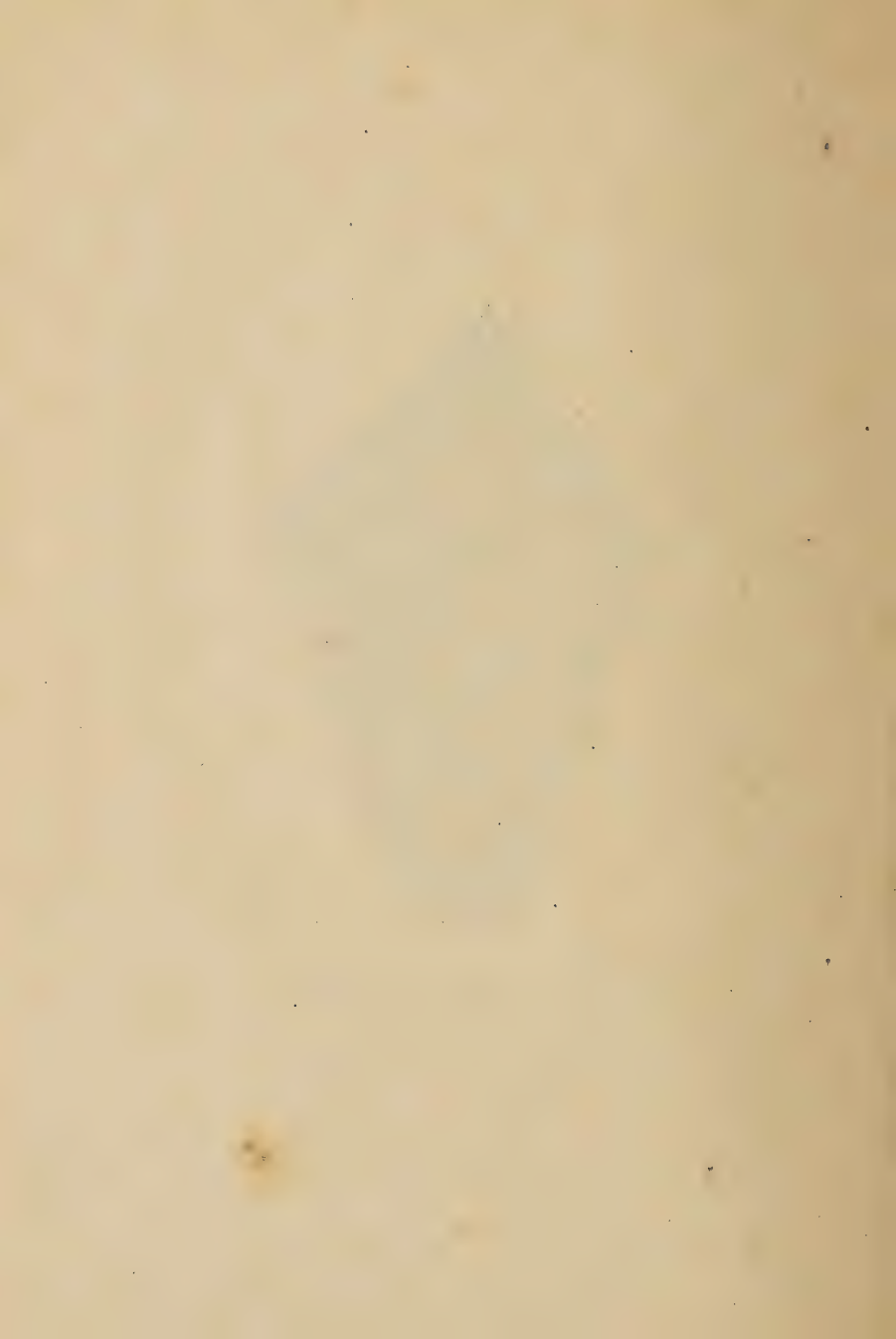
Aos meus filhos,
este pequeno espelho da
minha pertinacia, onde me
poderão ver, si quizerem,
até mais tarde.



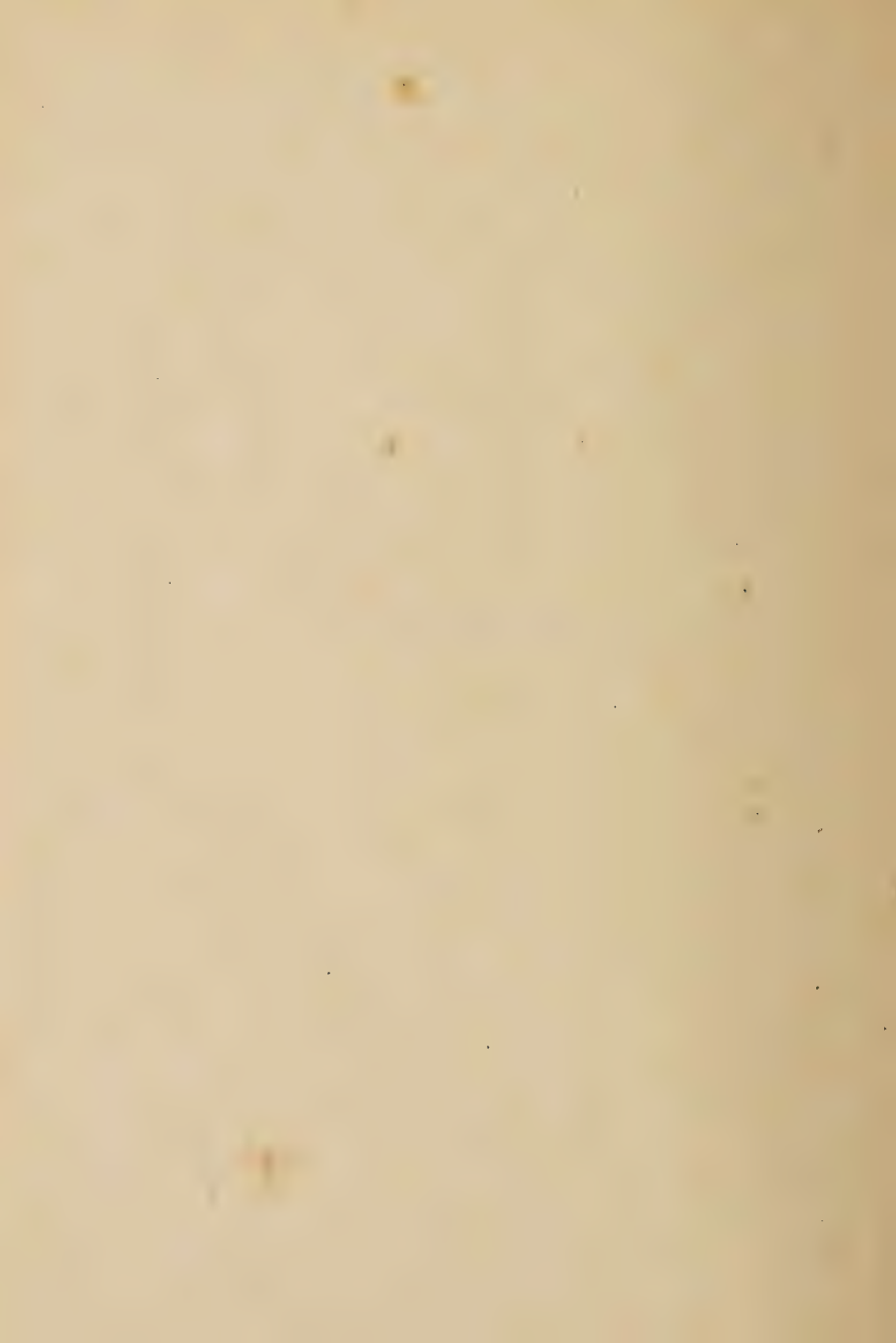


J. T. Ferreira de Mello

Nascido em Picuhy
do Estado da Parahyba



DE HONTEM



I PARTE



REFLECÇÕES DA VIDA

A vida humana é um dia:
nada mais.

Uma exigua manhã de mocidade,
um triste sol-pender
de amor fugaz,
um occaso plangente
de saudade !

Faz

Faz bem tempo,
banhou-me a claridade
desse meu dia
de illusões fataes !...
Bem tempo em que
da noite erma da idade
eu penetrei
aos humidos humbraes !...

Perdida a mocidade,
o amor perdido,
delles,
no entanto,
o espectro amado eu sinto
no espelho da saudade
reflectido !...

E de mim...
e de ti...
humanidade !
o que seria,
após o sonho extinto,
si não houvesse o espelho
da saudade ?!

ILLUSÃO DE NOIVA

Toda de branco,
de sapatos brancos,
envolta a fronte
na grinalda branca,
traduz por emotivos gestos brancos
toda a brancura de su'alma branca !

Cren

Crendo,
pelo noivado, todo amores,
no casamento eternizar o amor,
aos pés de quem, por lei,
conjuga amores,
vae eterno fazer o seu amor...

Pobre noiva illudida !
pobre noiva !
como tantas a mais
que foram noivas,
não soube comprehender
o que é ser noiva,
deixando-se levar
ao casamento...

Pobre noiva !

— E não sabem mesmo as noivas
que o sol-posto do amor
é o casamento !...

DAHLIA RUBRA

Vejo-te sempre altiva,
dahlia rubra,
com a tua forma linda
e magestosa !
E creio que,
entre as flôres,
tão mimosa,
talvez o meu olhar
não mais descubra !

Mas,

Mas, a minh'alma
muita vez lucubra
na tua desventura,
flôr radiosa:
pena que,
por não seres perfumosa,
um simples bogary
teu brilho cubra !

No entanto,
mal de muitos,
mal que alegre:
ferindo-te o destino
em grande corte,
não és ainda
uma excepção da regra:
no teu mysterio
um outro se descobre:
tua sorte de flôr
é igual á sorte
reservada á mulher
formosa e pobre !

GLORIFICAÇÃO

GLORIFICAÇÃO

Sómente os grandes astros possuem
o poder de imprimir nos horizontes
por onde passam, traços longos de ir-
radiação duradoira.

João da Matta morreu !!! — Profunda exclamação
que sae de cada bocca e aflora em cada olhar!
Manto negro de dôr! Erma desolação!
Toda a cidade está tremendo de pesar!

Glo

Glorificar-se a si, genio! — glorificar
a sua patria e a sua heroica geração,
esto do grande sol que se vem de apagar,
mas que deixa irradiando aos céos o seu
[clarão!

E tu, oh! Parahyba idolatrada e altiva!
tu que viveste airoso o esplendor dos seus
[dias!
tu que bebeste a luz do seu verbo de encanto!

guarda bem, Parahyba, em ti, que eterno viva,
esse filho porquem tanto te envaidecias!
esse heróe que tombou quando te amava
[tanto!

Parahyba, 24/10/929.

Declamado pelo autor na Noite Liberal,
realizada no Theatro Santa Rosa, em 9/11/29.

TRO

TROVAS

PLATONISMO

E's um bello mimo de arte
para o meu deslumbramento,
mas prefiro sempre olhar-te
com os olhos do pensamento.

RE

RESIGNAÇÃO

A' crise extrema me esbarro
mas, não me maldigo/entanto:
eu sou como eixo de carro:
quanto mais liso, mais canto.

PARADOXO

A mentira é combatida,
Qual coisa que o mal inspira,
Mas, sem mentira na vida
Tudo na vida é mentira.

SENHORA DAS NEVES

MULHER, VIRGEM E MÃE

Ser mulher é ter graça:
um rosto lindo,
labios roseos em flôr,
olhos amenos;
ter na face a expansão do amor infindo
e ter as formas plasticas de Venus !

Ser

Ser virgem
é viver os sonhos plenos
de pureza e de fé.
Viver sorrindo;
viver de coração e alma serenos,
ser roseira que apenas vae florindo !

Ser mãe
é ter dictames absolutos:
desfazer o esplendor da vida florea
no doce orgulho amargo
de dar fructos !

Avé !
Santa das Neves !
que nos banhe
tua luz,
pois, só tú tiveste a gloria
de ser mulher,
ser virgem
e ser mãe !

O JUCAZEIRO DA LEGENDA

De um velho jucazeiro a egregia sombra
cobria de frescor o chão de alfombra !

Bradámos todos:

Muito bem que fique
este ameno local ao piquenique:

aqui — um bello tecto amplo e florente,
ali — o banho ao sol n'agua corrente !

E



E ao sopé da arvore altiva
que ali fez a flora ufana,
na grata excursão festiva
leve poiso a caravana.

Entre cantatas e amores,
fez-se o dia em larga festa,
sorvendo-se o olor das flores
no coração da floresta !

Quem a arvore immensa e forte
contemplasse attentamente,
diria ter ella a sorte
de viver perpetuamente !

Por isso, antes do regresso,
da improvisada vivenda,
gravei no seu tronco espesso
esta ligeira legenda:

“Aqui, cheia de alegria,
em doce e feliz manhã,
chegou e passou o dia
uma turba folgasã.”

★ ★ ★

Faz isso, não sei bem si um anno já...
hontem, casualmente, andei por lá...

P’ra meu grande desgosto e grande espanto
não vi esse arvoredado que amei tanto !...

Bem logo conclui:
o Parahyba
enchêra a se estourar de riba em riba !...

Solucei de saudade intimamente...
e prosegui caminho... tristemente...

Le

.....

Levára o rio nessa cheia horrenda
o velho jucazeiro da legenda !...

CULTO AO SONHO

Vesp'ra de S. José! Hontem sonhei com ella!
Mais amada... mais flôr... mais mimosa... mais
[bella !

Um prenuncio qualquer: si bom... si máo...
[não sei:
um sonho grato emfim. Foi assim que sonhei:

No mesmo sofazinho antanho, á mesma sala,
ella, o mesmo sorriso, o mesmo olhar que fala!
E

E exhibindo um anel, num dos dedos me
— Vesp'ra de S. José : deixa... Dulce te
[agarra:
"amarra"...

★ ★ ★

Havia em sua voz de volúpia suprema,
a doçura de mel dos lábios de Iracema'...

Nisto, fuge-me o sonho! esfaz-se-me a illusão!
Um suspiro de dôr sai-me do coração !...

Pesar da decepção que me perturba e inquieta,
relembro esta quadrinha inspirada do poeta:

“Parece troça, parece,
mas é verdade patente
que a gente nunca se esquece
de quem se esquece da gente !...”

★ ★ ★

E é verdade: por ella a minh'alma estremece,
 á doida proporção que a su'alma me esquece!...

Vesp'ra de S. José... a minh'alma deseja...
e o dia já se esvae sem que a amada eu veja !...

Mas o sonho afinal.

Nesta vida, supponho
que nada existirá mais sublime que o sonho !

Tudo que seja grande, enorme, superior,
diante o sônho decae porque o sonho é
maior !...

Somente o sonho tem, no mysterio insabido,
poder de nos repor no nosso idéal perdido !

No mundo, orphão de amor, passageiro tris-
[tonho,
que seria de mim sem o arrimo do sonho?!...

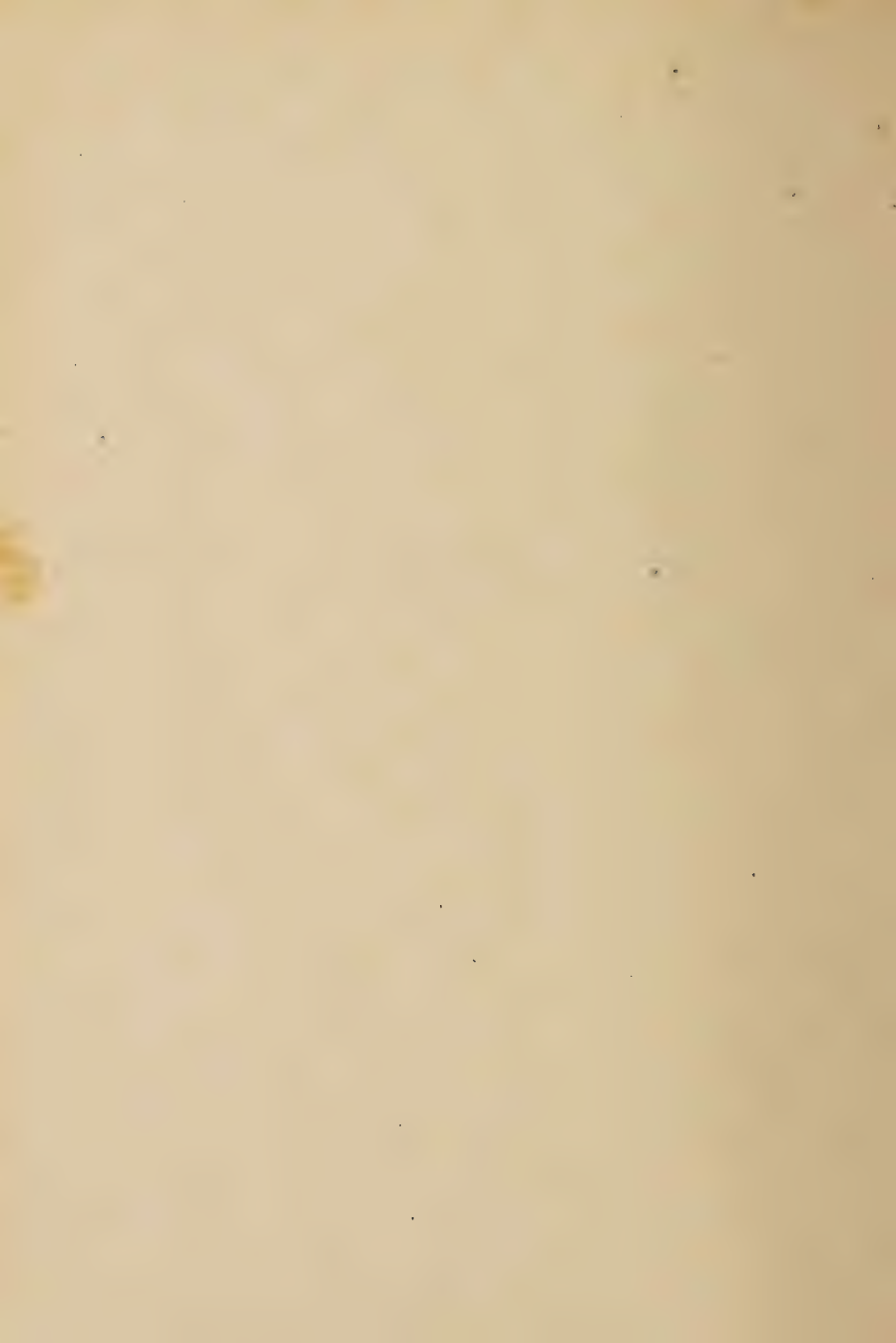
Minha amada fugiu, seu amor é fugaz...
por muito que eu lhe busque, ella me foge
[mais !
E

E—si nos olhos seus, ainda uma vez me olhei!
e — si a revi, emfim, ainda, porque sonhei. . .

de mãos postas, feliz, commovido e risonho,
ao Creador agradeço a alta invenção do
sonho ! . . .

DE HOJE

II PARTE



CULTO AO AMOR

Amo-te muito minha amada, mas,
não te envaideças tanto porque eu te amo:
o amor é um sentimento luminoso
que nos guia na vida !

E escuta-me um instante, amada:

Quan

Quando parti da infancia — que está longe —
com destino ao futuro,
parei um dia a um gancho do caminho:
dois rumos a seguir !
E hesitei . . . e estaquei . . .

Mas, nisso, uma voz d'alma silenciosa:

— Viandante da infancia
onde te vaes ?

— Vou para a vida,
respondi-lhe.

— E o que queres aqui, em pleno sol,
pensativo, parado, irresoluto ?
Ignoras por acaso, em tua marcha,
esse ponto onde estaes ?

— E eu silencieei e a voz continuou:

— Sou alma de outras vidas . . .
habitei outros seres, noutras eras . . .
Sou mais velha que tu.
Calas-te viajor ?

Ou

Ouve, pois, minha historia:

Quando me fiz ao mundo, rumo á vida,
com destino ao futuro,
parei, tambem assim como paraste,
neste mesmo lugar.
E hesitei e estaquei.
Mas, nisso, uma voz d'alma silenciosa
que habitára outros seres, noutras eras...
bem mais velha que eu,
dictou-me esta doutrina que te ensino:
ouve attento viajor.

— E eu silencieei e a voz continuou:

— Esse caminho que nos leva á vida,
que nos ruma aos encantos do futuro,
só tem escarpas, diques e torturas,
para os que, como tu, doce viajor,
saem da vida para a vida, incautos,
sem cogitar da viagem...
Mas, si por fim, para o teu ver obscuro,
o caminho onde trilhas se bifurca,
mostrando-te dois rumos a seguir,
não te afflijas por isso:

Qual

Qualquer delles
 em onde caminhares,
 concentrado no amor, amando a tudo,
 feliz levar-te-á para o futuro.
 Poís bem, moço viandante,
 não retardes:
 enche de amor o coração e parte.

★ ★ ★

— E como quem desperta de um lethargo,
 despertei e parti.

Pelo caminho, a tudo amei ! amei
 os passaros, as flôres, os rochedos,
 os rebanhos, as plantas e as mulheres !
 E foi, semeando o amor, sem par, nem conta,
 pela estrada da vida,
 que, amando a tudo, eu te encontrei e amei !

E como a tudo que amo,

amo-te muito, minha amada, mas,
 não te envaideças tanto porque eu te amo:
 o amor é um sentimento luminoso
 que nos guia na vida!

VA

VAIDADE

...E a lourinha exclamava docemente:

— Tenho saudade dos cabellos longos !
dos meus longos cabellos que se foram
na vertigem da moda !...

— E a lourinha chorava tristemente !...

E

E o poeta que lhe ausculta os threnos meigos,
em voz macia infere:

— Não devias chorar.
Choras porque recordas...
Quem recorda revive...

Certo, quando viveste um dia
sob a mantilha dos cabellos de ouro,
deliciaram-te o collo delicioso
os seus beijos confiantes...
Mas não sentes que assim,
— cabelo a “la garçonne” —
deliciam-te o collo... e a nuca...
os beijos e as caricias delicias
de centenas de olhares deliciados ?!...
E não te sentes mais feliz, hoje que vives
a beleza dos teus cabellos curtos,
ao mesmo bello tempo em que revives
a saudade dos teus cabellos longos ?!...

E a lourinha sorria... lindamente !...

CUL

CULTO AO PRAZER

Sonha o prazer e a gloria,
e vive.
Cultua o tedio e o pranto,
e morre.

E

* * *

E vós, por que, senhora, assim viveis
concentrada na dôr ?
Por que vos esquivaes, emfim,
do goso e do prazer ?

Não vêdes ?
a alma da gente humana
é um cantaro de cêra:
quando se enche na fonte do prazer,
transborda a neve fresca do sorriso
e é cantaro de pedra
e é vida !
Quando se enche na fonte do pesar,
desfaz-se na fervura do soluço
e é pranto
e é morte !

Pois bem, senhora, cultuai,
em vez do pesar o amor:
enchei de goso vosso cantaro de cêra
e vivereis a vida !

O CORÊTO

Pavilhão do jardim:
horas sem fim,
levo pensando em ti !

E

E de pensar em ti, ^{tu}
 — misto de nostalgia e de rumor —
 eu chego á conclusão
 de que tu, pavilhão,
 és poeta e cantor !
 Dias — silencioso, estaes sonhando !...
 noites — harmonioso, estaes cantando !...
 E és, talvez, no silencio dos dias,
 acercado de aromas e de flôres,
 o proprio inspirador das harmonias
 que dedilhas em noites sonoras
 para o cordel de nymphas deliciosas
 que te acercam de amores !...

Pavilhão do jardim:
 horas sem fim,
 levo pensando em ti !

E de pensar em ti,
 eu concluo por fim:

De toda a mocidade o coração
 é um pavilhão
 assim !...

CULTO A' ILLUSÃO

E sem ella, decerto,
não viverá ninguém,
ninguém !

A illusão surge á vida
quando surge a razão.
Todo homem que vê...
todo homem que alcança...
tem illusão.

Ter

Ter illusão é ter desejo...
é ter...
anceio de ascensão !...
E sem ella, decerto,
não viverá ninguém !
ninguém !
Si uma illusão nos foge,
outra illusão nos vem.

A rozeira
vestiu-se toda de folhagem nova
p'ra receber as flôres que sonhára...
E as flôres, mal vieram,
— petalas murchas —
foram levadas pela mão do vento !...
Mas a roseira revestiu-se em folhas
p'ra reviver em flôres !

Assim a vida:
espinho como todas as roseiras !
e veste as folhas verdes do optimismo
p'ra sonhar illusões...
E quando vê, por fim, uma illusão
voar despetalada,

põe logo novos trajes optimistas
para o culto de novas illusões !...
E sem ella, decerto,
não viverá ninguém !
ninguem !

A illusão é a primeira
e a ultima flôr que desabrocha
no roseiral da vida !...

CONTRASENSO

Ha tanto de carinho pela vida !
e tanto de repulsa pela morte !

Não sei porque:
vivo na vida e sinto-a
em todos os seus lances. . .

E percebo que a vida não é nada,
alem de uma sequencia de tormentos
que nos fatiga e extingue !

E quando assim,
— exilados da vida pela vida —
a morte é sempre a mesma:
sombra que nos abriga,
ninho que nos acolhe
para o eterno repouso . . .
para o eterno descanso !

E — si a vida é o martyrio que nos mata ? . . .
E — si a morte é o conforto que nos ama ?

Por que — tanto de escusa pela morte ?
Por que — tanto de affecto pela vida ? ! . . .

O ARTISTA

Lutar,
soffrer,
sonhar,

ter illusão,
ter idéal,
ter esperança,

na

nada obter,
nada alcançar,
nada vencer.

Eis a sorte do artista.

E eis o artista cantando,
e eis o artista sorrindo,
e eis o artista vibrando !...

E' que o artista luta porque aneia...
é que o artista aneia porque soffre...
é que o artista soffre porque sonha...
é que o artista sonha porque espera...
é que o artista espera porque luta.

E,
nada conseguir,
nada alcançar,
nada obter,

é

é o tudo,
é a condição,
é o proprio artista:

feliz o artista mesmo que não vence:
feliz a arte que não perde o artista...

E si o artista canta,
e si o artista ri,
e si o artista vibra,

é que cantando,
é que sorrindo,
é que vibrando;

traduz o artista o seu amor pelo que sonha...
traduz o artista o seu prazer pelo que soffre...
traduz o artista o seu penhor pelo que en-
[cerra !...]

IN

INDISCRIPÇÕES DO SILENCIO

Só. Profundamente só.

Nem um chilreio de ave pelas frondes,
nem um rumor de brisa na folhagem.

Só. Profundamente só.

No opio da abstracção me submerjo e afundo.

Mas, de momento, alguém...

alguem que eu não diviso e nem sequer vis-
[lumbro

e cujo vozear ao meu ouvido é mudo;

alguem que de indiscreto não se esquiva

de perturbar um sonhador que dorme...

alguem...

— profanando-me o extase tão caro —

vem me falar de tudo...

de tudo que se fôra em minha vida

e que eu amára não rever mais nunca !...

De

* * *

Declina o sol.

As sombras ambientes se dilatam,
tal como lagos mansos que transbordam
no prato raso da planície.

A brisa rumoreja meigamente
na cabelleira verde das mangueiras.

Patativas festivas
trilam desvanecidamente
saudando a tarde fresca:
os rumores resurgem !

E eu medito... e compreendo:

Fôra o silencio aquelle alguém
invisível e mudo
que me viéra assim falar de tudo..
De tudo que se fôra em minha vida
e que eu amára não rever...
Mais nunca !...

AS MINHAS DUAS ARTES

...E entre as duas eu soffro,
e entre as duas eu amo.

Sou tailleur e sou poeta:
tenho a thesoura e a lyra.
Dois contrastes virados num contraste:
duas mulheres.

Du

Duas mulheres que me envolvem...
Uma — é a esposa;
a esposa austera e laboriosa e bôa
que me alimenta o sangue !
outra — a amante;
a amante muito meiga e muito futil
que me entenece as illusões...

E entre as duas eu vivo !...

CONTEMPLAÇÃO

Noite de estio sem luar.
O rio cheio,
por entre o escuro fôsko,
reflectindo os luzeiros da cidade,
é um piano enorme !
— auri-negro teclado
de onde irrompe
o “jazz-band” dos sapos —

Chei

Cheia de immenso tedio que a escurece,
pensando uns dias brancos musicaes
que deixou no passado,
minh'alma é uma perfeita semelhança
desse piano enorme ! . . .

O VEM-VEM

Tardinha:

o sol vae se escanchando
no espinhaço da serra.

As sombras se espreguiçam e se estendem,
como que bocejantes
de cansaço e de somno.

Um passarinho triste,
de entre ramagens pythonisa:

— Vem-vem !... vem-vem !... vem !...

— Hoje vem gente aqui:

o Vem-vem canta...

Quem será ? quem virá ?

Ella... talvez ! Talvez que sim !

Ah ! si ella viesse...

eu gostaria tanto que ella viesse !...

E

★ ★ ★

E o passarinho,
batendo as azas, talvez para o seu ninho:
— Vem-vem !... vem !...

.....

— A tristeza se infiltra n'alma ambiente
como um presagio indefinido...
A serra despe o enxalmo de ouro rubro
que lhe impuzera o sol:
o dia foge.

★ ★ ★

Dentro da noite,
toda a minh'alma se descerra...
Entra-me alguém... Eu reconheço...
Oh ! antes não viesse !
Eu gostaria tanto que não viesse !...

.....

Só mesmo tu saudade !...

AS DUAS “MISSES”

Dois primores !
Dois mimos !
Duas flôres
colheu a Parahyba
em seu jardim de formosura e graça,
para, por ellas se fazer vibrar
no ruidoso certamen
que neste bello instante empolga o mundo !
Duas flôres !

Mas,

Mas, uma flôr
não quiz deixar o seu jardim nativo:
Hilda ficou.
A outra flôr partiu...
e deslumbrou
com a sua graça e o seu perfume,
a terra e o mar e o céu e tudo
por onde foi passando !
E além,
no prestígio aromal de sua flôr alada,
nessa feira genial de humanas flôres,
vibrou a Parahyba !
E agora, Eimar,
a flôr embaixatriz,
orvalhada e louçã como partira,
eis que volve a brilhar ao lado de Hilda
no seu jardim fraterno !...

Bem dita seja Hilda e seja Eimar
que elevaram de encanto a Parahyba !
Bem dita a Parahyba victoriosa
que tem flôres assim !...

EPOPÉA DO TRABALHO OBSCURO

Inverno.

A Natureza está em festa.

Flora, vestida

no seu immenso chale verde,
exulta de alegria e de volupia.

Os passaredos avidos se agitam
orgulhados das flôres e dos fructos
que desabrocham das ramadas virgens.

Os

Os gados,
as colmeias,
os batrachios,
todo o povo zoologico das selvas,
tudo, tudo se expande
enternecidamente !
Cumpre-se agora a grande lei !
— tudo cresce e evolue —
tudo se multiplica !
E o lavrador,
o proletario,
o homem prodigio,
esse que extrae do coração da terra
o ouro, o pão e a fé,
— resoluto e feliz... —
já escreve com a enxada
o seu immenso poema delicioso,
o poema incomparavel das searas !

★ ★ ★

Vem o verão e passa.
O ouro e o pão,
— inseparaveis como sempre —
já estão longe, além,

pelos grandes palacios ociosos
da autocracia improductiva.

E ao lavrador,
o proletario,
o homem prodigio,
resta sómente a fé...

★ ★ ★

Lavrador operario,
lavrador,
obreiro fabuloso do progresso !
de que te vale tanto afan ?
Não vês que da edição sublime
do teu poema,
não te deixaram á leitura
um exemplar sequer ?
Não vês que alimentando a cubiça voraz
da burguezia insaciavel,
estaes armando com o teu proprio braço
a triste humilhação que te definha ?
E por que tua fé ?!...

Basta de ingenuidade... proletario !

PERS

PERSPECTIVA

E' fevereiro ainda !
e a chuva,
essa grande modista rotineira,
já vestiu, a seu punho,
em todas as familias vegetaes
a sua eterna fantasia verde !...

Como, este anno,
vae ser ruidoso e lindo pelos campos
o carnaval das flôres ?!...

BONS

BONS ANNOS

Anno novo !

Alegria !

Cumprimentos votivos de ventura
trocados labio a labio !

Desejos vagos...

Esperanças vagas...

Felicidade vã que a gente sonha
sem saber o que sonha...

E o povo,

na sua eterna meninice:

— Salve ! salve ! anno nóvo !

Quan

Quanta tolice !
Quanta illusão na alma do povo !

.....

E o anno novo
(obstinado)
só nos traz velhice !...

ANCIA

Foi um pésinho de maracujá
que nasceu entre as relvas.
E alcançando, bem cedo,
a haste franzina e longa
de um castanheiro erguido,
foi se abraçando...
e se enrolando...
e expirando...
e foi !

E

.....

E lá, do alto da fronde,
desdobrado em ramagens,
floriu ! fructificou !
pela gloria da terra !

★ ★ ★

Homem vulgar, (incompreendido)
quanto eu quizera ser assim como essa liana! :
galgar a haste franzina e longa
do meu grande idéal...
expiralar... subir ?!...

.....

E lá, do alto da gloria,
multiplicado em gestos,
flôres de luz, fructos de amor,
todo do louro colhido,
jogar !
disseminar indefinidamente
por sobre a humanidade ?!...

TRAN

TRANSIÇÃO

Num fiapo de lagrima extenuada,
como de um pranto que agoniza,
a cachoeira exclama:

— Não sei que tem esse riacho ingrato !

Não sei que tem !...

De tanto que vivi aos seus colleios,
só me deu entendel-o
essencia voluptuante da belleza
que eu pensava immortal !...

Mas,

Mas, quando, enfim, me viu embriagada
na illusão que me déra,
começou a fugir... foi fugindo... e fugiu !...

.....

E o riacho, dorso em brasa,
braços erguidos para o monte
como quem pede esmola !...
e o monte, escarpa ao sol,
olhos abertos para o céu
como quem pede um sonho !...

.....

O céu, como que ouvindo as supplicas do
[monte,
envolve-se de escuro... e chora !...

.....

Só o pranto do céu traz alegria:
o monte exulta ! o riacho canta !...

.....
E a cochoeira da matta
volve a encrespar para a vida
velhos sorrisos de prata !...

EVOCAÇÃO

O que se foi de bello para a vida,
fica de bello e triste para a morte.

NO CAMPO :

Uma casinha branca,
entre lavouras;
pouco além, o curral,
em cujas cercas,
trilam canarios ternos,
um idilio sem fim.
Bezerros trêfegos,
escaramuçam
pelo pateo alfrombrado de beldruegas.
o rio perto,

es

estende longos lábios de água turva
sobre as relvas floridas
da varzea.

Borboletas, em bandos multicores
bailam silenciosas pelo ar
impregnado de perfume!

Ambiente-amplitude!

.....

Na cidade...

Casa entre casas.
Preconceitos...
burburinho... calor!

Ambiente-opressão!...

.....

...E

...E aquellas coisas lindas!
e aquella doce liberdade
que eu gosára com os olhos do meu rosto,
com que bello desgosto...
vejo agora com os olhos da minha alma?!...

ANALOGIA

Ao quebrar da barra..
Os passarinhos
salvam, em alvoradas collectivas,
 odia que vem perto.
Pelas estradas,
surgem, aos bandos,
almocreves e mercadores
que se agglomeram
no pateo amplo.
E' a feira.
E se inicia entre rumores
e augmenta...
e cresce...

Até

Até meí'dia,
 é vel-a
 um turbilhão de fardos e de saccos !
 E á tarde,
 palha... e cisco...
 Eis o que sobra.

Fôram também assim
 os meus sonhos de gloria:
 Nasceram...
 entre as alegrias brancas
 da minha ingenuidade...
 cresceram !...
 E se extinguiram...

.....

Dentro do pateo onde existiram...

.....

não me deixaram nada !

CUI

CUIDA DE TI !

A montanha,
Quando velhinha de cabeça branca,
veste um roupão azul
e vae fiar.
E os fios de ouro e prata
que se desprendem
do fuso milagroso da montanha,
urdem no tear cantante das cachoeiras
as faixas colleantes de cristal
que, transfundidas entre si,

ma

mais tarde,
formam o panno immenso da caudal,
orgulho da floresta !

Homem vaidoso...
olha um instante essa montanha:
Que poderás fiar
para os que vivem de ti,
quando, um dia, tiveres a cabeça
num capucho de neve ?...

Do auctor :

“Fagulhas d’Alma” — Ed. exg.

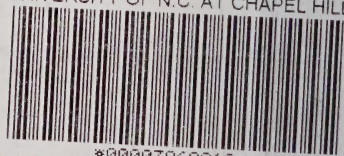
“Historia de Agaba”







UNIVERSITY OF N.C. AT CHAPEL HILL



00003960912